

Tradição e Modernidade: confluências e contradições em manifestações orais narrativas de alunos

Alessandro Eleutério de Oliveira¹

Introdução

O trabalho de investigação que ora se apresenta surgiu a partir de constatações decorrentes de nossa participação em dois projetos distintos de extensão universitária da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP) na cidade paulista de Araraquara. O primeiro projeto, denominado “Voltas e Reviravoltas da Reflexão Filosófica: Café Philo a serviço da construção e do entendimento da cidadania”, ocorreu em parceria com uma escola pública financiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária. Objetivou repensar os modos de se fazer os estágios nas licenciaturas por meio de aulas de Filosofia lecionadas por uma equipe de graduandos do curso de Ciências Sociais no segundo semestre letivo do ano 2000 numa classe do segundo ano do Ensino Médio. Buscava-se criar um espaço de reflexão filosófica a partir de temas geradores como revolta, amor, felicidade, memória e razão, os quais foram abordados por meio de aulas expositivas, debates, oficinas de teatro e de canto, seminários e recursos audiovisuais (filmes de longa e curta metragem e músicas). Os alunos dessa classe eram provenientes de bairros periféricos, estando inseridos no mercado de trabalho formal e informal. Apesar de ter ocorrido uma adesão entusiasmada dos educandos na fase inicial do desenvolvimento do projeto, na medida em que se estimulava os mesmos a participarem mais ativamente das atividades orais, uma resistência cada vez maior se fez presente. Os alunos

¹ Graduado em Ciências Sociais, mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Araraquara) e professor de Ciências Humanas e Filosofia na rede de ensino estadual paulista.

possuíam fortes inibições em fazerem uso da oralidade no processo de aprendizagem. O diálogo, como meio de transmissão de suas experiências cotidianas em sala de aula com o objetivo de se estabelecer relações com os temas geradores, era algo estranho e até mesmo incômodo.

O segundo projeto denomina-se Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), existente em sete campi da Unesp desde 2001. Também financiado pela PROEX, visa alfabetizar jovens e adultos que não concluíram o ensino fundamental. Nesse caso, os educandos tinham idades entre 16 e 70 anos. As classes eram heterogêneas. Havia alunos que não possuíam um domínio mínimo dos códigos que lhes permitissem se comunicar pela leitura e pela escrita. Parcela considerável dessas pessoas era proveniente de zonas rurais, tanto de Araraquara como de outras partes do Estado e do país (sobretudo da região Nordeste). Entre esses, a comunicação oral fluía mais naturalmente, e embora houvesse também certa resistência na participação de discussões que recorrentemente sucediam nas aulas, notava-se a sua necessidade de narrarem as suas experiências, trazendo à tona seu passado, as suas memórias e as suas raízes.

Diversos fatores devem ser considerados, como as diferenças de faixa etária (mais homogênea no primeiro caso e mais heterogênea no segundo), determinante também no acúmulo maior de experiências vividas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos. Outro fator importante se refere à procedência geográfica daqueles grupos. No primeiro caso os alunos eram majoritariamente provenientes da zona urbana. No segundo caso, notava-se o predomínio de oriundos da zona rural. Outrossim, deve-se ressaltar que os adolescentes do primeiro grupo eram todos solteiros, o que mudava radicalmente no grupo de EJA.

O fato de as dinâmicas em sala serem bastante diferentes entre esses casos também deve ser lembrado. Afinal, todos esses fatores

geram diferentes disposições socioculturais que se objetivam nas pessoas de diferentes formas, quanto ao modo de estabelecerem suas relações sociais. De qualquer maneira, as diferenças entre esses grupos em terem maior ou menor facilidade na transmissão oral de suas experiências na sala de aula trouxe à tona o vislumbre de uma problemática que deveria ser investigada com maior profundidade.

Do surgimento do presente projeto

O contato com os comportamentos descritos levou-nos aos escritos de Walter Benjamin (1987), que foram bastante elucidativos para uma possível compreensão do constrangimento que acometia os alunos, sobretudo os do projeto de filosofia, sempre que a eles era pedido que narrassem alguma *experiência* vivenciada pelos mesmos em sala de aula.

Deve-se aqui entender *experiência* (***Erfahrung*** em alemão) como uma “matéria de tradição tanto na vida privada quanto na coletiva” (BENJAMIN, 1994, p. 105, grifo do autor), inserida numa temporalidade compartilhada por várias gerações no decorrer do processo histórico. Nas comunidades artesanais, tal recurso garantia a transmissão das memórias, palavras e dos costumes, o que por sua vez construía ao longo dos anos um sentido de coletividade que era apreendido por cada pessoa inserida nas comunidades. Em outras palavras, isso engendrava a constituição dos indivíduos enquanto sujeitos históricos, partícipes da “existência em coletividade” (REYZÁBAL, 1999, p. 259).

Nessa direção, a estudiosa de Benjamin, Gagnebin (1994), ao citar Ricour (1983), discorre sobre a importância das narrativas orais para a constituição do sujeito, tratando-as como integrantes do processo de rememoração, ou seja, a “retomada salvadora de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento” (GAGNEBIN, 1994, p. 3). Assim, Benjamin contextualizou o

florescimento da narrativa num meio onde o trabalho era artesanal. Nesse mundo pré-capitalista, o tempo fluía assentado na eternidade. Ou seja, as noções de tempo e de espaço não estavam atreladas à lógica frenética da dinâmica das forças produtivas capitalistas, e sim à noção de eternidade. Benjamin (1994) afirma que nessas sociedades, a produção material se dava em meio a um ritmo de trabalho manual que permitia tanto ao narrador quanto ao ouvinte alcançarem um ponto de distensão psíquica comparável à distensão física proporcionada pelo sono. Esse ponto de distensão psíquica seria o tédio. O tédio seria fundamental para a transmissão das experiências por meio das narrativas orais, se constituindo como “o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” (BENJAMIN, 1994, p. 204). Os ninhos desse pássaro seriam as antigas formas de trabalho manual, que estariam teriam se extinguido na cidade e estariam em vias de extinção no campo.

Dessa forma, as narrativas podiam ser passadas calmamente pelo narrador, cujas experiências estavam firmemente enraizadas no povo, para o ouvinte. Na medida em que as histórias eram contadas, a rememoração oral assegurava a transmissão da experiência tradicional.

Todavia, o advento do Capitalismo deslocou e interseccionou a própria noção de tempo, que foi abstraído de seu aspecto de eternidade e subordinado à lógica imediatista da maximização do lucro. Isso resultou, entre outras coisas, na fragmentação dos produtos da atividade humana tanto no aspecto mental quanto material, passando os mesmos a serem constituídos “como ‘novidades’ sempre prestes a serem transformadas em sucata”. Tal processo culminou no desenraizamento das referências coletivas, que foram substituídas no plano psíquico pelos valores individuais e privados (GAGNEBIN, 1994, p. 59). Como resultado, a *Erfahrung*, conhecimento proveniente do enraizamento, cedeu lugar nas sociedades capitalistas à *Erlebnis*, que seria a “vivência do indivíduo

privado, isolado; é a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos” (KONDER, 1989, p.72 apud BIANCHI, 199-?, p.4). Nesse contexto, é salutar acrescentar que a ação da Indústria Cultural – que reforça a Erlebnis ao incentivar o individualismo consumista – tem papel fundamental para a deterioração da *Erfahrung*.

Talvez o fato de os alunos do projeto de filosofia serem mais resistentes em narrarem suas experiências em sala de aula pudesse se dever à dinâmica imposta pelas relações sociais geradas pelo atual sistema de encadeamento das forças produtivas. Dinâmica que impõe, sobretudo nas zonas urbanas – que são mais rapidamente influenciadas pelas constantes mudanças culturais, econômicas e tecnológicas – a substituição da narração pela informação, da tradição pela novidade. O declínio da experiência comunicável nos centros urbanos torna-se ainda mais visível, sendo o esvaziamento do sujeito muito mais nítido.

Nesse sentido pode-se inferir que os alunos de EJA, procedentes da zona rural tivessem mais facilidade em contar suas experiências em sala de aula em narrativas lacônicas, mas ricas em conteúdo interpretativo, do que os jovens urbanos do ensino médio. Afinal, nas zonas rurais brasileiras resquícios desse trabalho artesanais ainda hoje sobrevivem em pequenas propriedades agrícolas. Resquícios esses que teriam ainda uma influência sobre as práticas sociais dessas regiões, oferecendo maior espaço para o diálogo, para a contação de histórias, lendas e tradições, a despeito da influência onipresente dos meios de comunicação como o rádio e a televisão. Embora essa hipótese não seja a foco do presente trabalho, oferece uma conexão entre conceitos de Benjamin com a problemática crucial desse projeto, que busca identificar e compreender o elementos formadores da experiência contemporânea narrada por alunos em sala de aula. Num mundo marcado pelo avanço constante das novas tecnologias, e onde a experiência

baseada na *Erfahrung* está em declínio, na perspectiva de Walter Benjamin, pode-se pensar em qual papel exerce a escola para o resgate das narrativas orais. Afinal, a escola é um espaço de transmissão e de recriação do saber humano acumulado ao longo da história da humanidade.

Desse modo, esse estudo - originado das observações feitas nos projetos mencionados - buscou apreender e entender se na escola de fato há a possibilidade de as experiências serem intercambiáveis oralmente e que características possuíam as narrativas orais dos alunos que as carregavam em seu cerne. Segundo Benjamin, as narrativas orais possuem o poder de transmitir a sabedoria – que seria o “lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Isso se deve ao fato de as narrativas carregarem em si, mesmo que não explicitamente, uma dimensão utilitária. Utilitarismo esse que podia ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou uma norma de vida. Ou seja, o papel das narrativas seria, fundamentalmente o de dar conselhos. Segundo Benjamin, “(...) aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação)” (Idem, 1994, p. 200).

Pelo fato de esse estudo ter almejado apreender e compreender os elementos constituintes de narrativas orais contemporâneas de alunos no mundo contemporâneo tratou-se de uma pesquisa qualitativa configurada pelos limites de um estudo de caso observacional. A escolha dessa estratégia metodológica mostrou-se eficaz para a realização do objetivo central dessa investigação.

Procedimentos Metodológicos

Para se atingir o objetivo proposto, optou-se pela observação participante em sala de aula registrada em notas de campo. Essa

etapa da investigação foi iniciada no último bimestre de 2003 e prosseguiu em intervalos cronológicos irregulares nos anos letivos de 2004 e 2005.

A observação foi realizada com duas docentes da disciplina de língua portuguesa em salas de aula do segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Supletivo de uma escola pública de Araraquara. A escolha da referida disciplina justifica-se por esta ser a que carrega em seu bojo não só os rudimentos formais do nosso idioma – o que a torna uma “cabeça-ponte” para o ensino em todas as outras disciplinas – como também pelo fato de ser, no domínio das humanidades, a que possui mais horas-aulas no currículo escolar, o que permite maior tempo de convivência com a professora e com seus alunos. Outrossim, foram observadas aulas de um docente da disciplina de História do Ensino Médio Supletivo dessa escola. Isso permitiu a obtenção de maior riqueza de informações. Mas o principal motivo dessa deliberação foi o fato de que o ensino de História teria o potencial de despertar nos educandos a revisão de suas trajetórias de vida, de modo que o passado transformado em experiência pessoal pudesse surgir (ou não) em sala de aula com maior facilidade, o que iria ao encontro com a possibilidade de identificação de narrativas orais de experiências de acordo com os preceitos benjaminianos.

Sobre as narrativas orais apreendidas

Na busca pela captação dos elementos constituintes de manifestações orais contemporâneas de alunos foram obtidas narrativas de alunos que constituíram amostras de experiências contadas em sala de aula. Nessa comunicação apresentamos três exemplos a partir dos quais obtemos pistas para o entendimento das novas formas de narrativas orais e os tipos de experiências que nelas estão inseridas:

Amostra A: narrativa sobre personagem do folclore brasileiro de uma aluna do Ensino Fundamental – lenda do Saci Pererê – na qual ficaram patentes as relações paradoxais entre os produtos do aparato midiático da Indústria Cultural e a tradição oral decadente e, desse modo, entre a *Erfahrung* e a *Erlebnis*. Isso se evidenciou pelo fato de a jovem crer que o ser fantástico era oriundo do programa de televisão *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e não uma lenda secular.

Amostra B: narrativa de uma educanda do Ensino Fundamental na qual foi percebido que o assunto em questão - os sonhos premonitórios - sempre tem despertado a curiosidade humana, motivo pelo qual a classe, habitualmente bem comportada, se tornou agitada e falante. No relato da jovem, foi possível verificar que o sucinto esboço narrativo continha elementos que dizem respeito a aspectos metafísicos do imaginário humano. Ou seja, se referem ao que há de extraordinário, misterioso, e até mesmo “miraculoso” (BENJAMIN, 1996, p. 203) nas representações que as pessoas criam sobre fatos e situações não explicáveis facilmente pela ciência.

Amostra C: A partir de uma pesquisa feita na Internet sobre uma espécie de lagarto típico do sertão nordestino brasileiro, um estudante do Ensino Fundamental resgatou um fragmento da trajetória da vida de seu avô, migrante que viveu a experiência da seca e teve de se alimentar do referido animal. O interesse do aluno na escolha desse animal para a pesquisa escolar se deu sob a inspiração de um fato vivido por alguém com quem tem estreitos vínculos familiares e que transmitiu ao educando a experiência vivida por meio da palavra falada. Isso foi transmitido ao jovem por meio das palavras faladas de seu avô. Aqui podemos perceber a importância dada pelo adolescente ao seu antepassado – uma figura no qual o educando reconhecia a “autoridade da velhice” no sentido empregado por Benjamin (1996 p.114). Nesse caso, foram percebidos vislumbres da experiência tradicional - *Erfahrung* - transmitida oralmente de um avô para o seu neto. Ironicamente, um

típico representante do aparato midiático – a *Internet* – que auxilia a permanência da *Erlebnis* auxiliou o compartilhamento dessa experiência em sala de aula.

Dessa forma, percebeu-se que aspectos relacionados ao mundo pré-capitalista ainda sobrevivem nas narrativas dos sujeitos, mesmo que de modo obscuro e descontextualizado. Isso pode ser percebido nas três amostras que contém elementos ligados à tradição oral. Ou seja, há elementos fantásticos como o Saci e os sonhos premonitórios, além da importância da figura de autoridade e experiência encarnada pelo avô de origem rural de um aluno. Elementos esses que compõem as narrativas orais dos educandos, juntamente com as informações despejadas pela Indústria Cultural no mundo contemporâneo. Há a coexistência da tradição e da modernidade (ou pós-modernidade como querem alguns estudiosos), ou ainda, da *Erfahrung* e da *Erlebnis*, ainda que de modo difuso e estranhamente amalgamado, nas narrativas orais de alunos urbanos que são filhos de uma época em que os sujeitos são atomizados e moldados pela *Erlebnis* são bastante prometedoras. Longe de isso constituir uma conclusão inquestionável, traz à tona uma pista sobre os modos pelos quais as experiências são constituídas e narradas no século XXI.

Considerações finais

É interessante ressaltar que alguns desses retalhos que são representados pelas amostras de narrativas orais (ou melhor, esboços de narrativas orais) de alunos e de alunas observadas em sala de aula que foram apresentadas nesta pesquisa, longe de resolverem um problema de dimensões tão colossais como a problemática da narração experiencial na modernidade, ao menos contribui para se pensar na escola como um espaço de trabalho – sobretudo intelectual – onde as possibilidades de encontrarmos a essência das narrativas dos sujeitos atomizados e moldados pela

Erlebnis são bastante prometedoras. Ora, a escola é uma das guardiãs das Artes, das Ciências e da Literatura, as quais fazem parte do patrimônio cultural humano. É a escola o local no qual o conhecimento historicamente erigido é transmitido e reconstruído na medida em que é comunicado pelos mestres aos seus aprendizes. Conforme afirmamos anteriormente, a escola é antes de qualquer coisa, um espaço de diálogo, de conversa, e nesse sentido, de comunicação oral. Todavia, há ainda (relativamente) poucas pesquisas sobre o papel da experiência transmitida por meio da oralidade na Educação Escolar iluminadas pelo referencial teórico de Walter Benjamin realizadas nos meios acadêmicos brasileiros, o que constitui para nós um fator causador de estranheza. Pensamos que investigar características das narrativas orais dos alunos e das alunas é importante ao sucesso do processo ensino-aprendizagem, já que isso propicia – por exemplo - a obtenção de um “mapa” das representações não só das experiências de vida de alunos e de alunas, mas também das próprias noções do que é a própria existência social, assim como a apreensão de que tipo de informações tais representações são organizadas (sejam elas oriundas da Indústria Cultural, da família, da religião, etc). Isso poderia contribuir para que o professor ou a professora trabalhasse o conteúdo, do ponto de vista metodológico, levando em conta o tipo de lógica com a qual o aluno se orienta quando se manifesta sobre a realidade.

Para que essa contribuição suceda, pensemos na necessidade de nós, educadores, reaprendermos a *escutar* a experiência contada pelas pessoas e *vermos* de modo lúcido o contexto social, histórico, econômico e cultural no a experiência narrada pela palavra falada ocorre. Se o tédio inerente ao tempo eterno não existe mais e o tempo entrecortado capitalista não permite que a tradição seja transmitida oralmente como outrora, façamos um esforço para ouvir

e entender o que nos é contato no mundo da vivência do ser humano fragmentado e desenraizado.

Esse esforço deve ser feito mesmo que o barulho dos motores e das buzinas dos automóveis nos impeçam a contemplação de um fugaz e “único” farfalhar de folhas ao vento de uma árvore em alguma praça de uma cidade qualquer na hora do *rush* e mesmo que a televisão e a *Internet* nos atordoem os sentidos e o intelecto com uma avalanche de informações que mal podemos conjeturar. Não importa que tal esforço pareça descomedido e até mesmo pareça demandar uma percepção transcendental – ou ainda metafísica –, porque somos filhos de nosso tempo e herdeiros da perda da orientação coletiva, da memória e da narração congregadora. Se pudermos perceber nos discursos dos sujeitos fragmentados os retalhos que poderão compor a colcha² dessas novas formas de narração de reconstrução da *Erfahrung*, talvez encontremos os proto-elementos que constituirão pistas que indiquem a direção para a realização de semelhante e longa empreitada no que é dito pelos nossos alunos e alunas no coruscante ambiente escolar.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, VI.

_____. **Obras Escolhidas**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, V. III.

BIANCHI, A. Sobre alguns temas em Walter Benjamin. **Caderno da UniABC de História**, [S.L.], 199-?. Disponível em: paginas.terra.com.br/educacao/politikon/Benjamin_Temas.pdf. Acesso em: 23 de setembro de 2004.

² A aproximação metafórica das narrativas orais dos indivíduos fragmentados no mundo atual com a composição artesanal de uma colcha de retalhos foi inspirada pelo filme “Colcha de Retalhos” (How to Make an American Quilt), dirigido por Jocelyn Moorhouse em 1995.

GAGNEBIN, J.M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo : Editora Perspectiva, 1999.